

56. Moralidade é um ato de sacrifício, sem reciprocidade⁸⁷

道徳は犠牲なり相互的にあらず – *Doutoku Wa Guisei Nari Sougoteki Ni Arazu* – Morality is sacrificial, not reciprocal

[17.dez.2020]

Esta máxima refere-se à natureza da moral, que é essencialmente um ato de sacrifício.

Quando praticamos uma boa ação, em geral temos a expectativa de um gesto de gratidão ou de retribuição, por parte da outra pessoa. Isso ocorre porque sempre achamos que a reciprocidade dos gestos é uma coisa implícita nas pessoas. Por exemplo, ao atender a um pedido de orientação ou conselho e – contrariando a sua expectativa – essa pessoa não segue a sua orientação e nem sequer lhe dirige uma palavra de agradecimento, em geral vêm à cabeça a indignação e o inconformismo, censurando-a silenciosamente. Ou então, na hora de presentear alguém, preocupamo-nos demasiadamente com o produto ou o preço; e ficamos com a sensação de superioridade quando o nosso presente é mais caro que o dos outros; ou, quando ganhamos um presente mais modesto, ficamos com a sensação interior de insatisfação.

⁸⁷ Do *Tratado da Ciência da Moral*, inglês, Vol. 3, *Sinopse da Moral Suprema* (Número 8.88): *Morality is sacrificial, not reciprocal*. It has been the habit of people in general to regard the giving of social or ceremonial presents as a kind of morality. They take pride when they give two cakes in return for one and scorn those who give them poor or small gifts. It is indeed part of morality to respect other people in such a reciprocal manner, but by despising others in that way they make themselves immoral. As I have explained in Book One, Chapter Fourteen, in the section on the precedence of duty, morality intrinsically consists in making sacrifices by performing one's duty first. One may accept rewards if they come naturally but, if they do not, one should practice self-examination because one's virtue is still insufficient. In everything, if one harbours ill-feeling towards others or discusses losses and gains concerning others' behaviour towards oneself, one's attitude is utterly far from what morality is.

Na aparência essas gentilezas podem parecer ética e moralmente corretas. Mas, enquanto os seus sentimentos – seja de superioridade ou de insatisfação – ficarem na dependência da atitude dos outros, não se pode dizer ainda que isso seja a verdadeira moral. É porque tudo está ainda baseado no sentimento egocêntrico.

A moral é – originalmente – um ato de sacrifício, que não espera por nenhuma atitude de retribuição ou de agradecimento. Na moral suprema o mais importante é o sentimento de sacrifício, em quaisquer circunstâncias. Por exemplo, quando procuramos ser gentis com outros, devemos orar pela felicidade plena das pessoas e dedicar toda a sinceridade. Quando presentearmos alguém, devemos agregar ao presente o sentimento sincero de gratidão às bênçãos cotidianas e de plena felicidade a essa pessoa. E quando esses gestos forem naturalmente correspondidos devemos aceitá-los e se não forem correspondidos, não podemos esquecer o sentimento de gratidão. Ou seja, jamais censurar as pessoas, mesmo que não seja retribuído ou agradecido; devemos sim, nesses casos, fazer a autorreflexão reconhecendo a falta da verdadeira sinceridade, de nossa parte.

Este espírito de sacrifício está baseado na conscientização das nossas próprias faltas cometidas despercebidamente e das dívidas morais. Para reparar essas faltas e pagar as dívidas é que se torna importante a nossa atitude em agradecer e retribuir a todos os nossos benfeitores. Práticas morais isentas de expectativas de retornos – baseadas em sentimentos puros e cristalinos – elevarão o nosso caráter resultando numa grande felicidade.

Este espírito de sacrifício, entretanto, não significa oferecer toda a sua vida. Os Grandes Mestres como Sócrates e Cristo sacrificaram suas vidas em prol da salvação dos homens porque se defrontaram com situações incontornáveis. Na moral suprema utilizamos o método em que cada um vive a sua própria vida e ao mesmo tempo trabalha em prol da humanidade, ou seja, o método de convivência e prosperidade mútua.

Do Kakuguen, págs. 128~129